



Ciências Humanas: Características Práticas, Teóricas e Subjetivas 2

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2019



Ciências Humanas: Características Práticas, Teóricas e Subjetivas 2

**Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)**

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	Ciências humanas [recurso eletrônico] : características práticas, teóricas e subjetivas 2 / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências humanas: características práticas, teóricas e subjetivas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-885-4 DOI 10.22533/at.ed.854192312 1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de. III. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Ciências Humanas: características práticas, teóricas e subjetivas – Vol. II, coletânea de vinte e oito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Humanidades.

Os capítulos aqui organizados pautam distintos conteúdos que são ou que dialogam com as Humanidades. Isso, por si só, já demonstra o caráter plural e transdisciplinar dessa vertente do saber. Passando já para os capítulos, temos discussões sobre: migrações transnacionais, cultura política, gênero, identidade e representação presidencial, machismo e feminismo, colonização, plano diretor, espaço urbano, avaliação de cursos, assistência estudantil, agir comunicativo, saúde mental, aprisionamento, suicídio, maternidade, a realidade da Catalunha, estado, FUNAI, publicidade, adaptação e tradução, arte, literatura, religião, filosofia da religião e empresas. Todos estes que, de igual modo, merecem singular atenção.

Tenham excelentes diálogos!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PERSPECTIVAS DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA NO CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES TRANSNACIONAIS	
Patricia Bosenbecker	
DOI 10.22533/at.ed.8541923121	
CAPÍTULO 2	14
A CULTURA POLÍTICA DO VARGUISMO NO BRASIL E DO PERONISMO NA ARGENTINA: UM DIÁLOGO COM A OBRA “MULTIDÕES EM CENA” DE MARIA ROLIM CAPELATO	
Luiz Eduardo Pinto Barros	
DOI 10.22533/at.ed.8541923122	
CAPÍTULO 3	25
PERSPECTIVAS DE GÊNERO A PARTIR DA IDENTIDADE FEMININA NA REPRESENTAÇÃO PRESIDENCIAL DO BRASIL, CHILE E ARGENTINA	
Danielle Jacon Ayres Pinto Giuliana Facco Machado Yasmine Pereira Sensão	
DOI 10.22533/at.ed.8541923123	
CAPÍTULO 4	38
MACHISMO E FEMINISMO NA INTERNET: ANÁLISE DA PÁGINA “DESQUEBRANDO O TABU”	
Carolina Pinaffi Valerio Alvaro Marcel Palomo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.8541923124	
CAPÍTULO 5	49
ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DA REGIÃO DE CAMPO MOURÃO (1900-1960)	
José Carlos dos Santos Astor Weber	
DOI 10.22533/at.ed.8541923125	
CAPÍTULO 6	62
CANDIOTA E O PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO: A ELABORAÇÃO DE UM PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO	
Renan Rosso Bicca José Leonardo de Souza Castilho Magali Nocchi Collares Gonçalves Maria Elaine dos Santos Leon Maria de Fátima Schimidt Barbosa Ariadne Costa Leal	
DOI 10.22533/at.ed.8541923126	

CAPÍTULO 7	70
AS DINÂMICAS SÓCIO-ESPACIAIS E A RELAÇÃO ESPAÇOS PÚBLICOS X SHOPPING CENTERS NA DISPUTA PELA TITULARIDADE DE ÁGORAS CONTEMPORÂNEAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM FORTALEZA – CEARÁ	
Frederico Augusto Nunes de Macêdo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8541923127	
CAPÍTULO 8	82
AVALIAÇÃO DE RISCOS EM AEROPORTOS REGIONAIS: ESTUDO DE CASO NO AEROPORTO PRESIDENTE ITAMAR FRANCO, GOIANÁ, MG	
Geraldo César Rocha Edinaldo Muller Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.8541923128	
CAPÍTULO 9	88
CRUZAMENTO DE DADOS COMO FERRAMENTA DE PROSPECÇÃO DE RISCO GEOLÓGICO EM ÁREAS URBANAS	
Rubem Porto Jr Beatriz Forny Beatriz Paschoal Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.8541923129	
CAPÍTULO 10	99
AVALIAÇÃO DOS CURSOS DE BACHAREL EM GESTÃO AMBIENTAL NO BRASIL	
Angel Nascimento Santos Ricardo Ribeiro Alves Djulia Regina Zieman Jéssica Alves da Motta Júlia Gama de Simão	
DOI 10.22533/at.ed.85419231210	
CAPÍTULO 11	106
AS TENDÊNCIAS DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NOS ANOS 2000: A PARTICULARIDADE DA UPE	
Fernanda Eduarda Silva Rodrigues da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.85419231211	
CAPÍTULO 12	116
O AGIR COMUNICATIVO NO CONTEXTO DAS AÇÕES BI-SETORIAIS: A RODA SOCIALIZADORA NO CENÁRIO DO GRANDE BOM JARDIM	
Emanoel Márcio da Silva Rodrigues Cleide Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.85419231212	
CAPÍTULO 13	128
O PAPEL DO CAPS III NOS SERVIÇOS SUBSTITUTIVOS DE SAÚDE MENTAL DE BOA VISTA – RORAIMA	
Daniela Cristina da Silva Melo	

Aliã da Silva Carvalho
Janaine Voltolini de Oliveira
Ilderson Pereira Silva

DOI 10.22533/at.ed.85419231213

CAPÍTULO 14 135

PERFORMANCE DE CORPOS APRISIONADOS: UMA ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DE HOMENS PRIVADOS DE LIBERDADE COM HIV/AIDS

Isabella Beatriz Gonçalves Lemes
Cássia Barbosa Reis

DOI 10.22533/at.ed.85419231214

CAPÍTULO 15 143

REFLEXÕES SOBRE O SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

Carla Dornelles da Silva
Sales Gama da Silva

DOI 10.22533/at.ed.85419231215

CAPÍTULO 16 151

REALIZANDO VALORES ATRAVÉS DA MATERNIDADE

Simone Guedes Alves Gomes dos Santos
Veridiana da Silva Prado Vega

DOI 10.22533/at.ed.85419231216

CAPÍTULO 17 155

CATALUÑA INDEPENDIENTE: ¿UTOPIA O REALIDAD?

Raquel Gonçalves Vieira Machado de Melo Morais

DOI 10.22533/at.ed.85419231217

CAPÍTULO 18 166

ESTADO WESTFALIANO VERSOS ESTADO-NAÇÃO E SEUS REFLEXOS NAS COLÔNIAS DA AMÉRICA LATINA

Pedro Henrique Chinaglia
Waleska Cariola Viana

DOI 10.22533/at.ed.85419231218

CAPÍTULO 19 184

OS TERENA DE MATO GROSSO DO SUL E A CARTEIRINHA DA FUNAI: DE SIGNO MATERIAL DA TUTELA À RESSIGNIFICAÇÃO

Patrik Adam Alves Pinto
Victor Ferri Mauro

DOI 10.22533/at.ed.85419231219

CAPÍTULO 20 198

EXPRESSÃO CORPORAL A PARTIR DA VIVÊNCIA NA TRILHA DO CERRO DO JARAU

Maria Elisabeth Valls de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.85419231220

CAPÍTULO 21	203
A PUBLICIDADE E O PÚBLICO INFANTIL: UMA DISCUSSÃO SOBRE A REGULAÇÃO DA PUBLICIDADE NA TELEVISÃO	
Kewlliane Fernandes de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.85419231221	
CAPÍTULO 22	213
A CANÇÃO E SUA VERSÃO: PROCEDIMENTOS DE ADAPTAÇÃO/TRADUÇÃO NAS CANÇÕES DE DESENHOS DE PRINCESAS DO ESTÚDIO DISNEY	
Viviane Alves Melo Almada Edson Carlos Romualdo	
DOI 10.22533/at.ed.85419231222	
CAPÍTULO 23	242
LIVRO DE ARTISTA E O UNIVERSO DAS PALAVRAS: MIRA SCHENDEL E TORRES GARCÍA	
Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini	
DOI 10.22533/at.ed.85419231223	
CAPÍTULO 24	255
A PERSPECTIVA FEMININA EM LA MUJER QUE LLEGABA A LAS SEIS E MARIA DOS PRAZERES, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Evellyn Freitas Bibiano Joana de Fátima Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.85419231224	
CAPÍTULO 25	269
A(S) CIÊNCIAS(S) DA RELIGIÃO E A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DA COMPREENSÃO CIENTÍFICA E AUTÔNOMA SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.85419231225	
CAPÍTULO 26	275
O CARDEAL JOSEPH RATZINGER E A CRÍTICA A ALGUNS ASPECTOS DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO	
Bruno Fernandes Mamede	
DOI 10.22533/at.ed.85419231226	
CAPÍTULO 27	289
SUA EMPRESA PODE ESTAR DOENTE	
Sandra Oliveira Ferrão Vanderlei Souto dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.85419231227	
CAPÍTULO 28	297
O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA: A PRÁTICA DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO	

FÍSICA DE UMA UNIVERSIDADE PRIVADA

Rafael Silveira da Mota
Jaison Marques Luiz
Veronice Camargo da Silva
Mauricio Aires Vieira
Rafael Silveira da Mota

DOI 10.22533/at.ed.85419231228

SOBRE OS ORGANIZADORES.....	304
ÍNDICE REMISSIVO	305

PERSPECTIVAS DE GÊNERO A PARTIR DA IDENTIDADE FEMININA NA REPRESENTAÇÃO PRESIDENCIAL DO BRASIL, CHILE E ARGENTINA

Danielle Jacón Ayres Pinto

Professora Adjunta do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis – Santa Catarina. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Estudos Estratégicos e Política Internacional Contemporânea/GEPPIC. www.geppic.ufsc.br. E-mail: djap2222@yahoo.com

Giuliana Facco Machado

Mestranda em Gender and International Relations pela University of Bristol - Bristol – Inglaterra. Membro pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Estudos Estratégicos e Política Internacional Contemporânea/GEPPIC. www.geppic.ufsc.br. E-mail: giulianafacom@gmail.com

Yasmine Pereira Sensão

Mestranda em Estudos Sobre as Mulheres: As mulheres na sociedade e na cultura pela Universidade Nova de Lisboa – Lisboa – Portugal. Membro pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Estudos Estratégicos e Política Internacional Contemporânea/GEPPIC. www.geppic.ufsc.br. E-mail: yasminesensao@gmail.com

* Trabalho inicialmente apresentado e publicado pelos anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina da USP no ano de 2016. Para fins de publicação de capítulo foram feitas mudanças com o intuito de aprofundar o tema

RESUMO: Nesse texto temos por intuito demonstrar que é no cenário pós Consenso de Washington que candidatas como Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Michelle Bachelet pautam suas políticas e galgam a presidência de seus países. Partindo-se da premissa de que a identidade feminina é baseada nas

construções históricas de identidade de gênero nas estruturas de poder, busca-se analisar os primeiros mandatos das presidentas, com base nas concepções de feminilidade e masculinidade nessas estruturas, assim, questiona-se, para além das identidades femininas apresentadas, a influência do capital masculino político. O presente trabalho consiste em um estudo histórico-comparativo, do qual faz uso do método hipotético-indutivo, a partir de técnica de revisão bibliográfica, para seu desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: eixo ABC; gênero; estruturas de poder.

GENDER PERSPECTIVES FROM FEMALE IDENTITY IN THE PRESIDENTIAL REPRESENTATION OF BRAZIL, CHILE AND ARGENTINA

ABSTRACT: In this article our aim is to show that is in the scenario after Washington Consensus allowed candidates as Cristina Kirchner, Dilma Rousseff and Michelle Bachelet guide their policies and reach the presidency of their countries. Guiding by the premise that female identity is based on historical constructions of gender identity in the power structures, seeks to analyze the first mandates of presidents, based on femininity concepts and masculinity in these structures, as well, the question is to beyond

the women's identities presented, the influence of male political capital. This paper consists in a comparative historical study, which use hypothetical-inductive method and literature review technique for analyses.

KEYWORDS: axis ABC; gender; power structures.

INTRODUÇÃO

Formulado em 1989, o Consenso de Washington objetivava a apresentar medidas econômicas de cunho neoliberal em uma tentativa de reverter o processo de crise vivido pela América Latina. Privatizações de empresas estatais e maior abertura comercial por parte dos países latino-americanos eram algumas das medidas propostas para a resolução dos problemas na economia desses Estados. Os governos nacionais da região, em maior ou menor grau, seguiram as ideias do Consenso de Washington, entretanto, a partir dos anos 2000, as desigualdades sociais aumentam, bem como os problemas oriundos desse fato, é nesse contexto que ascende na América Latina governos de esquerda, que trazem as pautas sociais como centro de suas plataformas políticas e ações de governo.

Outro fator histórico importante para esta pesquisa é a redemocratização dos países latino-americanos, uma vez que as novas democracias asseguravam o direito de voto à mulher, assim como, em muitas foram criados mecanismos de cotas para garantir representatividade feminina nas esferas de poder, portanto a busca por maior equidade passa a ser realidade, ainda que em muitos desses Estados à lei não seja cumprida. Assim, aos poucos, as democracias na América Latina observaram o aumento da presença do gênero feminino na política. É neste cenário que candidatas como Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Michelle Bachelet pautam suas políticas e galgam a presidência de seus países.

As teorias das relações internacionais preocupam-se em como o poder opera nas relações entre Estados, instituições e pessoas e o que é preciso para sustentar essas relações, como já afirmava a teórica feminista Whitworth (2008, p.397). Assim, as teorias feministas nas relações internacionais entendem que examinar as configurações de poder é inevitavelmente falar sobre gênero, pois Estados e suas políticas, os nacionalismos e, assim sendo, o sistema internacional não são neutros de gênero, conforme afirma Halliday (2008). A teórica feminista, Butler (2010, p. 59), concebeu a noção de “performatividade de gênero”, segundo ela, “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser”.

Com isso, partindo-se da premissa de que a identidade feminina é baseada nas construções históricas de identidade de gênero nas estruturas de poder, busca-se

analisar os primeiros mandatos das presidentes do eixo Argentina, Brasil e Chile, com base nas concepções de feminilidade e masculinidade nessas estruturas. Desta forma, questiona-se, para além das identidades femininas apresentadas pelas chefes de Estado, se a influência do capital masculino político se fez presente nas corridas presidenciais. Por conseguinte, o presente trabalho consiste em um estudo histórico-comparativo, do qual faz uso do método hipotético-indutivo, a partir de técnica de revisão bibliográfica, para seu desenvolvimento.

FEMINISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

De acordo com uma visão moderna das Relações Internacionais a área consiste na ciência que estuda as relações e comunicações entre os Estados, indivíduos e os mais diversos grupos sociais para além das fronteiras (DE SOUSA; MENDES, 2008). O Sistema Internacional passou a considerar a inserção de novos atores nas Relações Internacionais a partir do que chama-se de terceiro e quarto debate, para além do Estado passou-se a considerar como atores as organizações internacionais, a sociedade, os movimentos sociais, não se trata aqui de realizar uma profunda explanação quanto a esses movimentos, mas é imperativo destacar a sua relevância para o presente estudo, assim, naquele período não só a Guerra Fria constrói um cenário intenso nas Relações Internacionais, mas outros fenômenos desafiavam as teorias convencionais como o processo de descolonização, a emergência do Terceiro Mundo e suas desigualdades, a vulnerabilidade econômica mundial projetada nos choques de petróleo e a ascensão da globalização.

O terceiro debate começa na década de 1980. É nesse contexto que os estudos Pós-colonialistas, influenciadas pelo marxismo, denunciam que o desenvolvimento do capitalismo e a naturalização da rigidez dos pressupostos adotados nas atividades científicas são “um movimento para silenciar e excluir formas alternativas de produção de conhecimento e reproduzir relações de dominação”, conforme Nogueira e Messari (2005, p.189), levando, posteriormente, a novas construções epistemológicas dentro das Relações Internacionais. Para Tickner e Sjoberg (2016) as teorias feministas entraram na disciplina no final dos anos 80 e começo dos anos 90, uma vez que para estas teóricas era preciso repensar a forma como as teorias eram criadas e principalmente rever a forma como os fenômenos políticos internacionais são estudados de forma a incluir as mulheres e suas experiências nas análises.

Sylvester (2001) afirma que as feministas tendem a ver aspectos da sociedade e como essas experiências impactam de forma positiva ou negativa a vivência das mulheres e outros grupos minoritários no sistema internacional. Essa inovação de abordagem decorre do fato de que o sistema anárquico de estados pensado por

outras correntes teóricas da disciplina, como o realismo¹, não conseguem entender dinâmicas complexas relacionadas a invisibilidade das mulheres e a subordinação de gênero na política internacional e na economia global.

São as feministas que trazem para as Relações Internacionais debates de gênero, pois assim como muitos pós-positivistas elas buscam examinar as relações entre poder e conhecimento e percebem que muito do que foi produzido na área era escrito por homens e referiam-se aos espaços públicos ocupados por homens (TICKNER; SJOBERG, 2016). Além disso, para Youngs (2004, p. 76), o feminismo das Relações Internacionais tem identificado o *mainstream* (ou *malestream*, como é chamado também pelas feministas mais críticas) da teoria das Relações Internacionais como um dos discursos que ajudam a perpetuar uma visão de mundo distorcida e parcial que refletem em um desproporcional poder de controle e influência que os homens detêm.

De acordo com Sylvester (2001) as lentes feministas possibilitam dar visibilidade para as narrativas tradicionalmente ignoradas da política internacional, ou seja, para que o sistema internacional faça sentido quando analisado é preciso que seja estudado as relações de poder aparentes e não-aparentes. É por esta razão que Enloe (2014) questiona “onde estão as mulheres?”, pois para a autora esta pergunta revela que papéis as mulheres estão ocupando na arena internacional e se tratando de estadistas - como será abordado mais adiante - ocorre um maior espanto por mulheres estarem ocupando esse espaço tradicionalmente dominado por homens. Por isso, esta pergunta é tão fundamental para o feminismo nas Relações Internacionais, uma vez que possibilitou fossem questionadas estruturas de poder e conseqüentemente quem são as pessoas que estão à frente destas estruturas.

IDENTIDADE FEMININA: UM DEBATE CONCEITUAL

A partir dessas novas abordagens, gênero e o feminismo são inseridos no conhecimento científico das Relações Internacionais, no entanto, as perspectivas neoliberais divergiam das lutas pela igualdade de gênero e sua inserção no espaço público, expondo a divisão do trabalho nesse âmbito como sendo neutra de gênero.

O novo estilo de administração pública sabe-se inclusive em relação ao gênero, e valoriza habilidades tradicionalmente vistas como femininas, como as habilidades de comunicar-se, de desenvolver simpatia e de oferecer apoio. Trata-se também de

1 Corrente teórica que considera o Estado o principal sujeito da política internacional, de forma que seu objetivo principal é a sobrevivência, para tanto buscam atingir os interesses nacionais. Ainda com relação a esta corrente teórica, a busca pela maximização de poder, por parte dos Estados leva a ausência de paz, bem como um aumento pela busca da segurança, ademais disso, outra característica é com relação falta de um governo hierárquico mundial, pois no Sistema Internacional cada um dos países busca alcançar seus objetivos, levando em conta que esta teoria assume o caráter negativo da natureza humana, ou seja, o ser humano é mal e violento, assim a ordem internacional é considerada anárquica.

um estilo muito mais individualista do que o estilo antigo de se fazer administração pública, estando de acordo com as visões neoliberais sobre a vida organizacional. Dessa perspectiva, a ideia de espaços neutros oferece uma resolução aceitável para os dilemas em torno da igualdade de gênero. [...] Quanto mais a perspectiva neoliberal torna-se dominante, mais difícil é justificar uma medida de igualdade que não consista em aumentar as “escolhas” possíveis. A ideia de um local neutro de gênero é altamente aceitável por que é a única maneira de conciliar o princípio da igualdade de gênero com o quadro geral do pensamento neoliberal. Num espaço de trabalho neutro em relação ao gênero todos são livres para escolher, mas não como homens ou mulheres, mas como indivíduos [...]. Ao focar a criação de um espaço de trabalho neutro em relação ao gênero, as políticas de igualdade de gênero efetivamente reduzem a capacidade de o Estado contribuir com a igualdade de gênero na sociedade. (CONNEL, 2016, p.86-88).

Complementar as perspectivas apresentadas, as ciências Sociais e Humanas consideram diversas faces e dimensões para a compreensão do conceito de identidade, resultantes de processos históricos e mudanças sociais que influenciaram os estudos a respeito da temática, conforme Hall (2002), existiriam três tipos de identidade associadas aos sujeitos do iluminismo, sociológico e pós-moderno.

Este estudo considera a última definição, tendo em vista o recorte histórico aqui proposto, embora caiba ressaltar que a identidade do sujeito pós-moderno é um processo resultante das duas primeiras. De acordo com Hall (2002), o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, assim a identidade é construída e transformada pelos sistemas culturais e sociais em que estão inseridos, sendo assim definidas historicamente, não existe uma identidade individualizada, ela não é produto de um “eu” isolado.

A modernidade com o processo da globalização teve grande impacto sobre a construção da identidade cultural, segundo Giddens (1991, p. 37-8) “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando assim, constitutivamente, seu caráter”. Segundo o antropólogo Roberto da Matta,

De todos os seres vivos, o homem é o único que tem a obrigação de fazer-se a si mesmo, de construir-se, de constantemente perguntar quem é, e qual o sentido da vida. [...] O homem tem de lutar pela vida, como todos os outros seres vivos, mas só pode realizar essa luta se sabe quem é: se tem identidade. Os animais não mudam [...]. Mas nós, humanos, vivemos a nossa sociedade e o nosso tempo. Somos acima de tudo maleáveis [...]. Por isso, precisamos de valores que nos definam e nos orientem. [...] Todos os homens têm uma identidade que recebem dos diversos grupos em que vivem. E cada sociedade busca fora e, sobretudo, dentro de si mesma, (na sua fantasia, nos seus mitos e ritos, crenças e valores) as fontes de sua identidade (MATTÁ, 1996, p. 35).

Dessa forma, nota-se que o desenvolvimento dos gêneros na construção de suas identidades são formados pelas relações culturais e sociais que encontram-se os sujeitos e suas subjetividades. Assim, a identidade feminina é uma construção histórica, construída socialmente por relações de poder que demonstram uma

dominação baseada na masculinidade, no qual houve uma ampliação dos conceitos a defini-la para que fosse possível a incorporação de novas funções sociais, sem perder sua principal identificação na sociedade, a maternidade, que insere-se no espaço privado, de acordo com Beauvoir (1949;1960); Rocha-Coutinho (1994; 2000).

Destarte, as questões de gênero demonstram o mundo como construído socialmente por relações de poder, atribuída por Sjoberg (2010), como padrões sociais e valores associados ao gênero masculino, sendo o problema inserir esses no espaço público, no qual discute-se as relações de poder entre Estados, a racionalidade desses e a autonomia política, sendo assim uma esfera de ação que define suas agendas. Sendo o Estado um importante meio de direcionar a sociedade na mudança de gênero e como arena de mudança, conforme Connell (2016).

Nesse sentido, na perspectiva construtivista, será a identidade que fará a diferença nas relações entre os agentes da estrutura. Ao ter identidade com o outro, o ator primário será capaz de entendê-lo como parte central de sua estratégia de inserção e participação no sistema internacional fazendo das demandas desse as suas, não num processo direto de interesses de Estado, mas em conjunto com as representações identitárias (JACON AYRES PINTO, 2016).

Dessa forma, ao ter-se três mulheres na representação máximo de três Estados centrais na região sulamericana, abre-se uma janela de oportunidade para que percepções identitárias distintas das tradicionais, calcadas na masculinidade, possam servir de amálgama para a construção de novas estruturas e novas relações de poder entre os atores do sistema em questão. Essa identidade com líderes mulheres pode afetar a estrutura tanto numa dinâmica política, com novas perspectivas de ação, mas principalmente, numa dinâmica de reconhecimento, fazendo com que o Estado amplie seu escopo de compreensão dos papéis de gênero na construção social do ente estatal tanto interna como externamente.

FEMINILIDADE E MASCULINIDADE

Dois tópicos de grande relevância, conforme Halliday (2008, p. 176-177), são referentes às mulheres e ao nacionalismo e o lugar dos direitos das mulheres na formulação das relações interestatais. Para o autor, os homens veem no Estado e nas ideologias que o legitimam um meio para reforçar o controle sobre as mulheres: exercido frequentemente via uma retórica de exaltação e respeito, ou através de políticas estatais que “melhoram” a posição da mulher.

De acordo com Carver (1996) as teorias *malestream* na prática são vistas como explicações gerais para fenômenos políticos e sociais. Para o autor a masculinidade utilizada nas interpretações de atores internacionais consistem na ideia que o universal se refere ao masculino, enquanto o feminino seria o outro.

Tickner e Sjoberg (2016) afirmam que as feministas das Relações Internacionais afirmam que características como força, racionalidade, independência e público são associadas à masculinidade, logo são vistas como parte da universalidade, enquanto características como fraqueza, emotividade, fragilidade e privado são algumas das atribuições ditas femininas. As outras ainda reiteram que homens e mulheres não necessariamente performam estes estereótipos o que possibilita que mulheres ajam de forma dita masculinizada e vice-versa (TICKNER; SJOBERG, 2016).

Conforme o autor Kenneth Waltz, em seu livro de 1959, *O Homem, O Estado e a Guerra*, a teoria das Relações Internacionais poderia ser categorizada em três imagens, neste trabalho considera-se somente a primeira, uma vez que a política internacional seria guiada pelas ações dos indivíduos (chefes de Estado e/ou Governo). Considerando que a imagem do indivíduo tomador de decisão influencia, tanto na arena doméstica como na internacional, é questionável o fato de que as mulheres não façam parte do cálculo de poder e conseqüentemente da imagem de chefe de Estado.

Esta dominação do masculino sobre o feminino acontece não só no parque infantil e nas eleições locais, mas também no centro das políticas internacionais (ENLOE, 2014, p.31). Conquanto que feminilidade é considerada o oposto da masculinidade, logo, a política não seria um lugar para mulheres, pois elas são “seres delicados e gentis” o contrário do que representa os jogos de poder intraestatal e interestatal. Para Hooper (1999) masculinidade e feminilidade não são fixas e ao longo dos séculos sofreram mudanças culturais. Para a autora atualmente o ocidente vive um modelo de Estado burguês que é influenciado (ao mesmo tempo que influencia) por um modelo protestante burguês racionalista de masculinidade, cujo modelo prega individualismo e liberdade. Em tese isso representaria igualdade por meio de governos democráticos, entretanto o que Hooper argumenta é que na prática os governos seguem reproduzindo o discurso de exclusão de minorias, com destaque a pautas relacionadas a conquistas de direitos por parte das mulheres.

Com isso, o Estado racional e provedor da soberania e segurança é masculino, assim como a guerra. Conquanto que, a diplomacia, por exemplo, seria o feminino, uma vez que ela representaria o mais suave, o frágil, os conceitos são usados para exemplificar a natureza das instituições e os meios utilizados pelas mesmas. Entre as suas muitas conseqüências questionáveis é o de reforçar a primazia da forma masculina em detrimento da feminina, dado que homens que vivem em um mundo perigoso são considerados os protetores naturais, enquanto as mulheres são quem necessitam de proteção (ENLOE, 2014, p.30).

É imperativo destacar que as noções de masculinidade e feminilidade não são idênticas ao longo de gerações, bem como não são excludentes, como a própria formação de identidade feminina sugere, essas noções são relacionais, sendo

construídas, afetadas e reproduzidas mutuamente. Assim como as guerras mudam, as relações de gênero mudam e os discursos de gênero também. Segundo Enloe (2014, p. 31) mulheres são marginalizadas ao menos (suportar o ridículo como “não feminina”) que elas possam, convincentemente, esconder-se em um estilo masculinizado particular de discurso e ação.

ANÁLISE DO DISCURSO DO EIXO ABC

A análise do discurso busca compreender as construções ideológicas presentes nos textos e imagens, tal discurso, enquanto construção linguística, se dá junto ao contexto social no qual o texto ou imagem é desenvolvido, ou seja, as ideologias são construídas por um contexto político e social, conforme expõem Charaudeau; Mainguenu (2012). Assim, a análise do discurso analisa também o contexto no qual a estrutura do discurso se encontra, Brandão (2004, p.46), ao discorrer sobre essa perspectiva do discurso afirma que ela é “uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da existência material das ideologias”, no entanto, é necessário destacar que o sentido do discurso não é fixo, dependerá do contexto, de sua forma de construção, da interpretação do receptor para a transmissão de determinada mensagem objetivada por parte do emissor.

Assim sendo, com relação ao eixo Argentina, Brasil e Chile (eixo ABC) as três presidentas aqui analisadas, Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Michelle Bachelet se lançam como candidatas em um contexto de crescentes demandas sociais por parte da população de seus países. Para fins deste artigo a primeira destas estadistas a ter a sua imagem estudada será Michelle Bachelet, seguida por Cristina Kirchner e Dilma Rousseff.

A carreira política de Michelle Bachelet iniciou-se ainda na juventude, quando, em 1970, começa sua militância no Partido Socialista. Por conta de seu ativismo contra a ditadura foi presa e torturada no ano de 1974 e durante os anos de 1975 a 1979 viveu no exílio. Ao retornar a seu país de origem inicia a trabalhar com serviços sociais. A partir dos anos 1990 ingressa na carreira pública, em organizações ligadas a saúde e inicia, na mesma década, seus primeiros estudos na área da Defesa. Em março de 2000 assume como ministra da Saúde do governo de Ricardo Lagos Escobar, com a pauta de aumentar o acesso à saúde para a população, ação essa que viria a ser uma de suas metas como presidenta de seu país. Já em 2002 é convidada a assumir o Ministério da Defesa e, assim, tornou-se a primeira mulher a assumir tal cargo político na América Latina. É em 2006, com um grande apoio da população chilena chega ao posto máximo da política do Chile: o de presidenta.

De acordo com Malta e Fonseca (2014) a população chilena, no começo dos

anos 2000, ansiava por um chefe de Estado que pudesse unir o país, uma vez que a ditadura de Pinochet havia dividido a população. É neste cenário que Michelle Bachelet é lançada como candidata a presidência do país, pois além de apresentar um programa de governo que permitiu maior acesso à saúde e a educação, ela era vista como capaz de proporcionar ao Chile maior concertação entre os diversos grupos políticos. Esta imagem de Bachelet foi popularizada, tendo em vista de que, conforme apresentado na seção anterior, a mulher por ser vista como delicada poderia, através do diálogo, trazer a paz necessária na esfera política e atender as demandas sociais do Estado chileno.

A trajetória de Cristina Kirchner, assim como a de Michelle Bachelet inicia ainda jovem, quando junto a Néstor Carlos Kirchner, seu futuro marido, passa a militar politicamente na Argentina. Na década de 1970, os dois se mudam para a província de Santa Cruz e passam a refugiar pessoas procuradas pela ditadura. No ano de 1989 é eleita deputada da província de Santa Cruz, enquanto que Néstor Kirchner ocupa o cargo de governador de Santa Cruz. Em 1997 participa e ganha a eleição de deputada nacional da província de Santa Cruz, cargo este que enfrentou várias disputas, já que sua postura nacionalista não estava de acordo com a maioria liberal do governo de Carlos Menem. No ano de 2001 é eleita senadora primeira como representante da província de Santa Cruz e, posteriormente, em 2005 assume a cadeira do senado argentino, mas agora pela província de Buenos Aires. Após a morte de seu marido, Cristina é escolhida pelo Partido Justicialista para disputar as eleições de 2007 para a presidência e dar continuidade ao projeto de nacionalização das políticas da Argentina.

Em relação à Cristina Kirchner sua imagem de chefe de Estado sofreu duras críticas, tanto ao longo de sua candidatura ao cargo de chefe de Estado como já eleita, uma vez que ao optar por manter cabelos compridos, usar jóias e maquiagens, somado ao uso de vestidos e saltos altos ela passa a ser vista e criticada pela mídia como feminina demais para ser presidente. Outro aspecto que é importante ressaltar diz respeito à campanha política de Kirchner, pois dentre os vários slogans utilizados um deles era: *“desde 2003 tenemos el mismo nombre. Desde 2003 tenemos los mismos ideales”*. Tal frase publicitária faz referência direta ao ex-presidente argentino e esposo de Cristina, Néstor Kirchner, além disso, na construção midiática apresentada por Regina Flores Ribeiro (2015) ao invés de referir a Cristina como presidente os meios de comunicação primeiramente faziam referência ao seu esposo e então a ela, independentemente, de ter estado a frente do governo nacional argentino mais tempo que Néstor.

Dilma Rousseff, dentre os três casos analisados, foi à terceira a galgar o cargo de presidenta de seu país. Quando jovem Dilma passa a se interessar pelo socialismo, o que a leva, após o Golpe militar em 1964, a integrar grupos armados para derrubar

o governo. Primeiro como membro do Comando de Libertação Nacional (COLINA) e depois a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR – Palmares). Assim, como a chilena Michelle Bachelet, Dilma foi igualmente presa e torturada. Ao lado, do seu então marido Carlos Araújo, foi membro fundadora do Partido Democrático dos Trabalhadores (PDT) e contribuiu nas primeiras campanhas eleitorais após a redemocratização. Dentre os anos de 1985 a 1988, passa a ser Secretária Municipal da Fazenda de Porto Alegre (RS). Em 1990 é escolhida para a função de Secretária de Energia, Minas e Comunicação do Estado do Rio Grande do Sul, o qual permanece até 1993 e que viria retornar no governo de Olívio Dutra em 1998. Passa a fazer parte do Partido dos Trabalhadores em 2001 e ano seguinte colabora para a construção da plataforma política relacionada ao setor energético do então candidato ao Palácio do Planalto Luiz Inácio Lula da Silva. Quando eleito, Lula convidou Dilma Rousseff para assumir o cargo de ministra de Minas e Energia, soma-se também no período a função de presidente do Conselho de Administração da Petrobras. No ano de 2005 é convidada a assumir o Ministério da Casa-Civil, em 2010 é publicamente lançada como candidata, pelo Partido dos Trabalhadores, a presidência da República.

Quando em 2009 a possibilidade de Dilma Rousseff ser escolhida como sucessora de Lula ainda era somente uma ideia, iniciaram-se as primeiras polêmicas quanto à imagem que ela transmitia ao público, ainda na época o fato de ser uma mulher divorciada e nos bastidores da política brasileira vista como dura e até mesmo histórica, por parte dos homens, pesava sobre ela. No intuito de ganhar a simpatia da população, em 2010, modificou o corte de cabelo, as roupas e passou a usar mais jóias e maquiagem, bem como, se criou no imaginário do povo a ideia dela ser a “Mãe dos pobres”, já que era preciso passar a visão de que era alguém que manteria os programas sociais, ou seja, Rousseff seria a mãe carinhosa e zelosa que por meio do Estado cuidaria de seus filhos mais necessitados. Comparada às outras duas presidentas analisadas foi a que mais teve polêmicas envolvidas a sua imagem, tendo em vista que ao buscar pelo equilíbrio entre o que é entendido como feminilidade e masculinidade para poder ser aceita como política no Brasil sofreu duras críticas e questionamentos da mídia, muitos desses ataques relacionados a ela faziam especulações, inclusive, a sua escolha sexual.

Por conseguinte, demonstra-se que a feminilidade e masculinidade são construções do discurso não só midiático, mas do pensamento social, e que enquanto construções sociais e coletivas refletem a imagem da mulher no espaço público, no qual insere-se o poder, assim como, na política internacional, e expressam-se como relacionadas e influenciadas uma pela outra mutuamente, portanto, não são excludentes, fato observado através das estratégias de marketing para a inserção das mulheres na política que são também reproduzidas por essas construindo suas identidades femininas no espaço público.

CONCLUSÃO

A realidade pós-colonial e da globalização faz necessária uma reformulação das maneiras de pensar a análise de gênero. Conforme Connel (2016, p. 27) “as análises de gênero, então, precisam ser compreendidas como parte de uma economia política global do conhecimento”, sendo essa última centralizada nos debates feministas da metrópole, mesmo o famoso ensaio *Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses* (*Sob os olhos ocidentais: Estudos Feministas e discursos coloniais*), de Chandra Talpade Mohanty (1984), revelou a falsa imagem do norte quanto à periferia, mas subestima a importância do conhecimento nessa, é apenas com a sua revisão sua revisão *Under Western Eyes. Revisited. Feminist Solidarity through Anticapitalist Struggles* (*Sob os olhos ocidentais. Revisto. Solidariedade feminista através das lutas anticapitalistas*), de 2003, que há uma tentativa de mudar a forma como as análises de gênero estavam sendo feitas.

A importância de constituir um pensamento teórico, desenvolvendo uma epistemologia do sul sobre gênero, é pensar a igualdade de gênero como um projeto político, aliando o movimento social e o pensamento teórico como práticas políticas e reflexivas, segundo Connel (2016), é necessário transcender o pensamento da metrópole e criar uma ciência e pensamento que não estejam condicionadas em experiências fora de nossa realidade, não se trata de excluir o pensamento provenientes de outras partes do mundo, mas sim, de acordo com Connel (2016, p. 30), de “reconhecer a diversidade de vozes e experiências internas à presença política das mulheres” que não encontra-se na voz de uma minoria privilegiada.

Assim, é imperativo refletir sobre a inserção das mulheres no espaço público, já afirmava Halliday (2008), que o nacionalismo, assim como o Estado estão longe de serem neutros de gênero, no caso do sul global, grande parte da carência desse debate se dá pela falta de discussão e análise do conhecimento científico sobre gênero, delegando aos movimentos sociais, no espaço privado, a tentativa de inseri-lo no espaço público.

A América Latina mesmo tendo sofrido alterações significativas quanto à representatividade feminina na política de seus países, pós IV Conferência Mundial da Mulher, promovida pela ONU, em 1995, que estabeleceu diretrizes de atuação para inserção das mulheres na política, resultando nas cotas para a atuação daquelas nos parlamentos, não alcançou resultados significativos de discussão e inserção das questões de igualdade de gênero na agenda dos Estados.

Por conseguinte, é quando as presidentas supracitadas assumem as lideranças dos países latino americanos que a perspectiva sobre essa discussão muda no sul global. No entanto, é nesse momento que podemos analisar a construção do pensamento social, entendido no âmbito no senso comum, e do discurso midiático

sobre a inserção e atuação das mulheres no espaço público, percebendo-se claramente que o discurso além de desencorajar a legitimidade dessas por conta da dicotomia feminilidade x masculinidade, ainda procura associá-las ao espaço privado.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BEAUVOIR, Simone. (1949/1960). **O segundo sexo – a experiência vivida**. (S. Milliet, Trad.). São Paulo: Difusão Européia do Livro.

BRANDÃO, Helena. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

DE SOUSA, Fernando.; MENDES, Pedro. **Dicionário de Relações Internacionais**. 3. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 207-212.

ENLOE, Cynthia. **Gender Makes the World Go Round: Where Are the Women?**. In: Bananas, beaches and bases: Making feminist Sense of International Politics, 2 ed., p.01-36. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2014.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

HALLIDAY, Fred. **Ausente das Relações Internacionais: as mulheres e a arena internacional (Cap.6)**. In: Repensando as relações internacionais. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

HOOVER, C. **Masculinities, IR and the ‘gender variable’: a cost-benefit analysis for (sympathetic) gender sceptics**. Review of International Studies, v. 25, n. 3, p. 475-491, 1999.

JACON AYRES PINTO, D. **O Smart Power como um novo projeto de poder na esfera internacional: uma análise do Brasil e sua inserção internacional nos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luis Inácio Lula da Silva**. Doutorado—[s.l.] Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil, 2016.

MALTA, Marcio José Melo; FONSECA, Luíza Neves Marques da. **O Chile em perspectiva: o primeiro governo da presidenta Michelle Bachelet e as projeções e desafios para o segundo mandato**. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400191834_ARQUIVO_MichelleBacheletanpuhreisadoluziamalta.pdf>. Acessado em 10 de outubro de 2016.

MATTA, Roberto da. **Torre de Babel: ensaios, crônicas, críticas, interpretações e fantasias**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Editora Campus, 2005.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamentos no Brasil**. Trabalho apresentado na XXX Reunião Anual de Psicologia. Brasília. 26- 29 de Outubro, 2000.

SJOBORG, Laura. 2010. “**Gendering the Empire’s Soldiers: Gender Ideologies, the U.S. Military, and the “War on Terror” (cap.16)**”. In: *Gender, War and Militarism : Feminist perspectives* edited by Laura Sjoborg and Sandra Via, 209-218. Santa Bárbara: Praeger.

SITE OFICIAL CRISTINA FERNÁNDEZ DE KIRCHNER. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.cfkargentina.com/>>. Acessado em 10 de outubro de 2016.

SITE OFICIAL MICHELLE BACHELET. **Biografia**. Disponível em: <<http://michellebachelet.cl/>>. Acessado em 10 de outubro de 2016.

SYLVESTER, C. **Feminist international relations**. Tradução . 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 3-52

TICKNER, J.; SJOBORG, L. **Feminism**. In: DUNNE, T.; KURKI, M.; SMITH, S. In: *International Relations Theories: Discipline and Diversity*. 4. ed. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 179-195.

TOLSON, Andrew. **The Limits of Masculinity (Cap.6)**. Peter F. Murphy, in: *Feminism and Masculinities*. Oxford readings in feminism. New York: Oxford University Press, 2004.

VIA, Sandra. 2010. “**Gender, Militarism and Globalization: Soldiers for Hier and Hegemonic Masculinity”(cap.3)**”. In: *Gender, War and Militarism: Feminist perspectives* edited by Laura Sjoborg and Sandra Via, 42-56. Santa Bárbara: Praeger.

WHITWORTH, Sandra. **Feminism**. In *The Oxford Handbook of International Relations*, edited by Christian Reus-Smit and Duncan Snidal, 2008. New York: Oxford University Press.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos - Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista *ad hoc* de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0002-5472-8879. E-mail: <awsvasconcelos@gmail.com>.

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos - Mestra em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Licenciada em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2018). Bacharela em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2016). É Professora de Literatura no Ensino Fundamental do Colégio Externato Santa Dorotéia, João Pessoa. Advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direitos humanos, direitos sociais, direitos das minorias), Literatura (literatura e sociedade, literatura e cultura, literatura e história, estudos pós-coloniais, guerra de independência, literatura portuguesa, literaturas africanas de língua portuguesa), Linguística (ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Vinculada a grupo de pesquisa devidamente cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0003-1179-999X. E-mail: <thamiresvasconcelos.adv@gmail.com>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agir comunicativo 116, 118, 127

América latina 16, 25, 26, 32, 35, 66, 73, 107, 137, 166, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 249, 275, 276, 277, 281, 284, 285, 286, 287

Áreas urbanas 88

Argentina 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 32, 33, 64

Assistência estudantil 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Avaliação 82, 84, 87, 90, 99, 103, 104, 108, 113, 119, 120, 121, 289, 290, 292, 301

B

Brasil 2, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 27, 32, 34, 36, 37, 39, 44, 47, 48, 69, 73, 79, 81, 82, 83, 84, 88, 98, 99, 100, 101, 105, 106, 107, 110, 113, 117, 118, 126, 133, 134, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 150, 180, 182, 186, 187, 196, 197, 199, 204, 209, 211, 218, 222, 240, 241, 243, 254, 299, 303, 304

C

Cataluña 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

Ciências humanas 57, 60, 100, 101, 142

Colonização 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 175, 177, 182, 183, 187, 188, 195

E

Educação 14, 22, 23, 33, 46, 99, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 132, 149, 196, 198, 200, 202, 209, 212, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 304

Empresa 2, 5, 66, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296

Espaço 7, 28, 29, 30, 34, 35, 36, 40, 46, 51, 53, 58, 59, 61, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 85, 97, 111, 118, 119, 122, 125, 126, 131, 142, 167, 168, 173, 176, 181, 188, 189, 197, 198, 205, 207, 234, 235, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 253, 256, 261, 265, 289, 290, 301

Estado 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 51, 52, 53, 55, 59, 64, 65, 78, 88, 102, 107, 110, 116, 128, 129, 130, 131, 133, 138, 139, 142, 150, 154, 160, 162, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 204, 207, 209, 211, 228, 235, 248, 286, 293, 304

F

Feminismo 27, 28, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 267

G

Gênero 25, 26, 28, 29, 30, 32, 35, 36, 45, 46, 48, 136, 139, 142, 214, 215, 227, 228, 229, 230, 240, 241, 255, 259, 266, 267

I

Identidade 25, 26, 28, 29, 30, 31, 36, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 56, 74, 139, 149, 166, 176, 178, 179, 182, 183, 189, 191, 192, 193, 194, 197, 200, 202, 206, 212, 225, 262, 267, 292, 301, 304
Infantil 31, 149, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 211

L

Liberdade 18, 21, 31, 39, 71, 135, 136, 137, 138, 142, 153, 169, 171, 178, 183, 209, 225, 226, 276, 280, 281, 283, 285
Livro 16, 31, 36, 74, 78, 184, 201, 204, 208, 222, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 253, 254, 256, 257, 271, 276, 277, 281, 287

M

Machismo 38, 39, 40, 41, 43
Maternidade 30, 151, 152, 153
Migrações transnacionais 1

P

Plano diretor 62, 63, 64
Prática 5, 11, 16, 30, 31, 53, 57, 58, 71, 74, 119, 120, 121, 123, 126, 130, 136, 137, 174, 175, 179, 183, 191, 192, 193, 196, 209, 214, 215, 224, 240, 279, 289, 290, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 302, 303, 304
Publicidade 74, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

R

Religioso 11, 168, 170, 171, 174, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276

S

Saúde 32, 33, 64, 103, 109, 110, 111, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 146, 154, 289, 290, 295
Sociologia 1, 2, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 16, 142, 271, 273, 274, 282
Subjetividade 38, 39, 41, 45, 47, 200
Suicídio 15, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

T

Teologia da libertação 275, 276, 277, 278, 279, 281, 283, 284, 285, 287
Teoria 4, 7, 22, 28, 31, 36, 45, 58, 75, 102, 127, 171, 182, 193, 222, 224, 254, 268, 304

